

POLÍTICA SONDAZEM

Segunda volta Seguro tem o dobro das intenções de voto de Ventura e tem até o apoio maioritário dos homens, jovens e portugueses com menos instrução – habitualmente mais ligados ao líder do Chega. Só eleitores de Cotrim estão reticentes

Até os mais jovens preferem Seguro

Textos DAVID DINIS
Infografia SOFIA MIGUEL ROSA

O retrato foi tirado mesmo antes do debate final desta terça-feira, mas mostra um país decidido: a pouco mais de uma semana da segunda volta das eleições presidenciais, António José Seguro leva uma vantagem folgada sobre André Ventura, acumulando quase o dobro das intenções de voto face ao líder do Chega: são 51% contra 27%. As águas parecem tão separadas que o número de indecisos se reduz aos 8%, abaixo do que se registava antes da primeira volta. À partida, há 12% que se assume como abstencionista e até os votos brancos e nulos se ficam pelos 2%.

Ainda assim, de acordo com a sondagem realizada pelo ICS-ISCITE e GfK para o Expresso e SIC (a última antes do dia decisivo da eleição), os resultados após imputação de indecisos acabaria – fossem estes os resultados oficiais – com as duas partes a poder clamar vitórias (diferentes) na noite eleitoral: o ex-líder do PS chegaria aos 66% dos votos, uma votação inequívoca que lhe permitiria um mandato pleno de legitimidade política; e André Ventura poderia chegar aos 34% – elevando uma vez mais a fasquia dos seus votos ao ponto de ultrapassar os 32% de Luís Monteiro nas últimas legislativas. Dependendo da taxa de participação eleitoral, é uma incógnita se poderia também passar essa fasquia em número de votos (2 milhões foi o resultado da AD no passado mês de maio).

Para já, a escolha parece ser firme e pouco sujeita a flutuações. Apenas 8% dos que escolhem André Ventura, por exemplo, admitem "ainda mudar" do sentido de voto até dia 8 de fevereiro. E são ainda menos no campo de Seguro, 3%. Globalmente, 87% dos eleitores inquiridos neste estudo dizem ter chegado a uma escolha "defi-

nitiva". A dúvida, claro, é se uma campanha que parece quase decidida consegue mobilizar até às urnas os eleitores de um e outro lado – o que, claro, pode influenciar significativamente as percentagens finais de cada candidato.

Só o voto de Cotrim destoa

O fator decisivo para esta larga vantagem de Seguro é a larguísima transferência de votos dos que optaram pelos outros candidatos na primeira volta. Mais há uma nuances importante. É que, se aproximadamente 70% dos que votaram em Marques Mendes e em Henrique Gouveia e Melo mostram intenção de votar desta vez em Seguro, segundo aliás a declaração de votos dos dois ex-candidatos (ver texto nesta edição), são 'apenas' cerca de metade dos que dizem ter votado em Cotrim de Figueiredo que manifestam a mesma intenção.

Na verdade, os apoiantes de Cotrim não irão votar mais em Ventura do que os de Mendes e Gouveia e Melo – apenas 10% dos que dizem votar em Ventura vêm do campo político do ex-líder da Iniciativa Liberal –, só que estes dividem-se muito mais por não votar e ou ainda se manifestarem indecisos, também replicando o que o próprio Cotrim disse esta semana (preferir Seguro, mas "perceber" quem abdica de escolher entre "péssimas escolhas").

De acordo com o relatório da sondagem, ainda assim, os riscos eleitorais parecem pender mais sobre o candidato da direita radical. É que o grupo de inquiridos que

mais divide o voto de forma igual (beneficiando Ventura) é o dos que não votaram na primeira volta – o que aumenta a dúvida sobre se efetivamente acabarão por votar agora. Se não o forem, o resultado final pode ser um pouco pior para o também líder do Chega.

Seguro é de "todos"

Nesta fase, entrando na reta final da campanha eleitoral, António José Seguro parece congregar apoio generalizado em quase todos os segmentos do eleitorado – ainda que com diferenças de grau. É destacadamente o preferido entre as mulheres (54% vs. 46%), mas também entre os homens (30% vs. 24%); é esmagador entre os eleitores de mais idade (61% vs. 17%), mas vence entre os mais jovens (42% para 27%); destaca-se entre os licenciados (66% vs. 31%), mas é superior também entre os de menor grau de instrução (47% vs. 28%); e leva vantagem visível nos que vivem mais folgadamente (57% vs. 23%), vencendo mesmo assim entre os que vivem com mais dificuldades (43% vs. 31%).

Só quando analisamos o apoio de acordo com preferências partidárias ou ideológicas o cenário muda... um pouco. Entre os simpatizantes do Chega, claro, o apoio a Ventura é quase unânime – e maior do que o apoio dos simpatizantes do PS a Seguro (88%). Quanto aos inquiridos que não reportaram simpatias partidárias apresentam um padrão mais variado, com 39% a dizerem que votarão em Seguro, 23% que votarão em Ventura, 23% que não votarão e 13% que estão indecisos. Por fim, no que diz respeito à ideologia, se 78% dos inquiridos que se posicionaram no lado esquerdo e 53% dos que escolheram o centro disseram tencionar votar em Seguro, já os inquiridos que se posicionaram no campo político à direita dividem-se ao meio: 41% expressaram a intenção de votar em Seguro e 43% em Ventura (ver texto nestas páginas).

ddinis@expressoimpresa.pt



INTENÇÃO DE VOTO ANTÓNIO JOSÉ SEGUR

51%

PROJEÇÃO SEM ABSTENÇÃO

66%

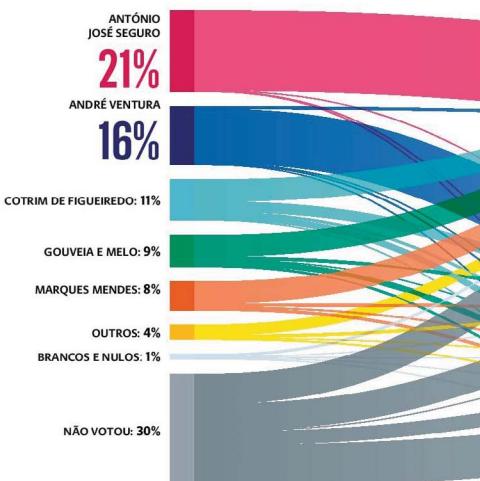
QUALIDADES DE ANTÓNIO JOSÉ SEGUR

Resultado global e por simpatizantes dos partidos

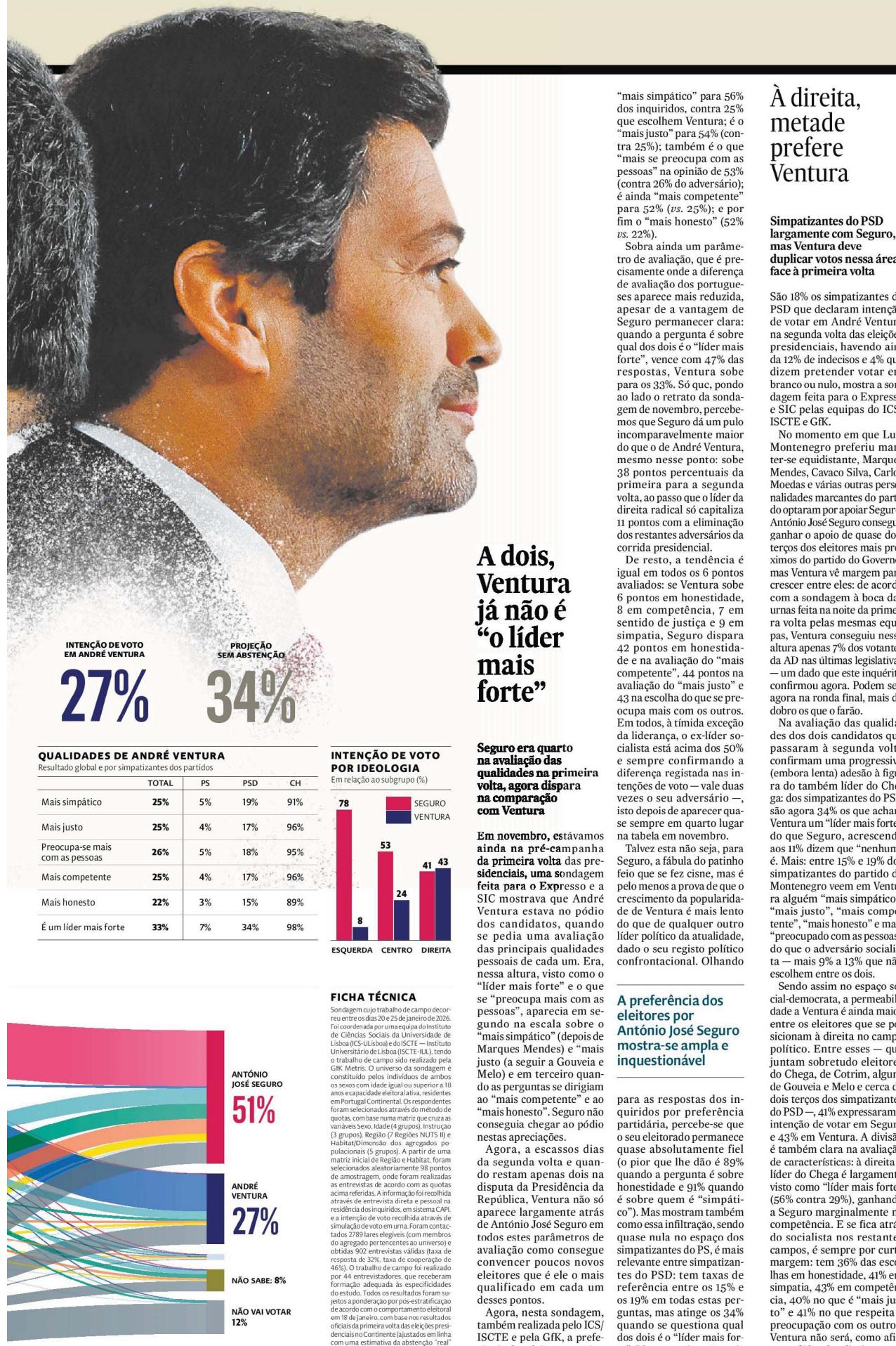
	TOTAL	PS	PSD	CH
Mais simpático	56%	91%	68%	6%
Mais justo	54%	90%	66%	2%
Preocupa-se mais com as pessoas	53%	90%	64%	4%
Mais competente	52%	91%	64%	3%
Mais honesto	52%	91%	62%	3%
É um líder mais forte	47%	88%	47%	1%

TRANSFERÊNCIA DE VOTO DA 1ª PARA A 2ª VOLTA DAS ELEIÇÕES

Percentagem em relação ao total da amostra



O FATOR DECISIVO É A TRANSFERÊNCIA PARA SEGUR DE VOTOS DOS QUE OPTARAM PELOS OUTROS CANDIDATOS NA PRIMEIRA VOLTA



À direita, metade prefere Ventura

Simpatizantes do PSD largamente com Seguro, mas Ventura deve duplicar votos nessa área face à primeira volta

"mais simpático" para 56% dos inquiridos, contra 25% que escolhem Ventura; é o "mais justo" para 54% (contra 25%); também é o que "mais se preocupa com as pessoas" (opinião de 53% (contra 26% do adversário); é ainda "mais competente" para 52% (vs. 25%); e por fim o "mais honesto" (52% vs. 22%).

Sobra ainda um parâmetro de avaliação, que é precisamente onde a diferença de avaliação dos portugueses aparece mais reduzida, apesar de a vantagem de Seguro permanecer clara: quando a pergunta é sobre qual dos dois é o "líder mais forte", vence com 47% das respostas, Ventura sobe para os 33%. Só que, pondo ao lado o retrato da sondagem de novembro, percebemos que Seguro dá um pulo incomparavelmente maior do que o de André Ventura, mesmo nesse ponto: sobe 38 pontos percentuais da primeira para a segunda volta, ao passo que o líder da direita radical só capitaliza 11 pontos com a eliminação dos restantes adversários da corrida presidencial.

De resto, a tendência é igual em todos os 6 pontos avaliados: se Ventura sobe 6 pontos em honestidade, 8 em competência, 7 em sentido de justiça e 9 em simpatia, Seguro dispara 42 pontos em honestidade e na avaliação do "mais competente", 44 pontos na avaliação do "mais justo" e 43 na escolha do que se preocupa mais com os outros. Em todos, a tímidas exceção da liderança, o ex-líder socialista está acima dos 50% e sempre confirmando a diferença registrada nas intenções de voto – vale duas vezes o seu adversário –, isto depois de aparecer quase sempre em quarto lugar na tabela em novembro.

Talvez esta não seja, para Seguro, a fábula do patinho feio que se fez cisne, mas é pelo menos a prova de que o crescimento da popularidade de Ventura é mais lento do que de qualquer outro líder político da atualidade, dado o seu registo político confrontacional. Olhando

na avaliação das qualidades dos dois candidatos que passaram à segunda volta confirmam uma progressiva (embora lenta) adesão à figura do também líder do Chega: dos simpatizantes do PSD são agora 34% os que acham Ventura um "líder mais forte" do que Seguro, acrescendo aos 11% dizem que "nenhum" é. Mais entre 15% e 19% dos simpatizantes do partido de Montenegro veem em Ventura alguém "mais simpático", "mais justo", "mais competente", "mais honesto" e mais "preocupado com as pessoas" do que o adversário socialista – mais 9% a 13% que não escolhem entre os dois.

Sendo assim no espaço social-democrata, a permeabilidade a Ventura é ainda maior entre os eleitores que se posicionam à direita no campo político. Entre esses – que juntam sobretudo eleitores do Chega, de Corrim, alguns de Gouveia e Melo e cerca de dois terços dos simpatizantes do PSD –, 41% expressaram a intenção de votar em Seguro e 43% em Ventura. A divisão é também clara na avaliação de características: à direita o líder do Chega é largamente visto como "líder mais forte" (56% contra 29%), ganhando a Seguro marginalmente na competência. E se fica atrás do socialista nos restantes campos, é sempre por curta margem: tem 36% das escolhas em honestidade, 41% em simpatia, 43% em competência, 40% no que é "mais justo" e 41% no que respeita à preocupação com os outros. Ventura não será, como afirma, o líder das direitas, mas nestas presidenciais já é líder de metade delas.



José Luís Carneiro na reunião da Comissão Nacional do PS FOTO MARCOS BORGES/LUSA

PS prepara-se: novo programa já no fim do verão

Líder socialista **substitui Montenegro por Ventura** como adversário principal, querendo o PS aglutinar toda a rejeição anti-Chega

JOÃO PEDRO HENRIQUES

Será em setembro ou outubro. Resolvida, agora em março, a relegitimização interna da liderança do PS, com eleições diretas do secretário-geral (dias 13 e 14), seguidas de Congresso Nacional (27, 28 e 29, em Viseu), a direção prepara-se para depois, no final do verão, promover uma convenção programática que dotará o partido de um programa eleitoral renovado.

Serão, segundo disse ao Expresso um dirigente do partido, "uma espécie de Estados Gerais" (o nome do processo que, em 1995, dotou o PS do programa onde assentou o seu regresso ao poder depois de dez anos na oposição). As opções para o nome da iniciativa variam por ora entre Fórum Portugal Futuro ou Fórum Portugal Democrático. Já com a vizinhança temporal do processo de discussão e votação do Orçamento do Estado para o próximo ano (OE 2027), cuja proposta de lei terá de ser entregue pelo Governo no Parlamento em meados de outubro, o PS ficará dotado de todos os instrumentos necessários para enfrentar de novo eleições legislativas, venham elas quando vierem. Do ponto de vista da estrutura interna, às diretas e ao Congresso de março seguir-se-ão, em maio, eleições para as federações distritais, concluindo-se então a arrumação da casa socialista.

Um processo visando, enfim, o "relançamento da iniciativa política do PS", como foi assumido por José Luís Carneiro no discurso que fez sábado passado numa reunião da Comissão Nacional do partido.

A convenção será o culminar dos trabalhos do Conselho Es-

tratégico, o qual, dirigido por Augusto Santos Silva, tem vindo desde julho do ano passado a promover reuniões sectoriais de preparação da renovação programática do PS. A mais recente foi esta semana, na sede nacional, em Lisboa, para discutir uma reforma do sistema penal.

Embora o partido dê, assim, sinal de estar a preparar-se, em passo acelerado, para a hipótese de eleições antecipadas, a verdade também é que ninguém na direção afirma ter qualquer certeza sobre a duração da legislatura, não se descartando mesmo que chegue ao fim (2029). A liderança não abre o jogo sobre sentidos de voto face aos futuros Organamentos do Estado (no último absteve-se, viabilizando-o). Mas sabe uma coisa: o cenário mudou.

Assumindo já como certa a eleição de António José Seguro, foi devidamente notado na direção do PS que o candidato não alinha na tese de que a um chumbo da proposta orçamental deve corresponder necessariamente a realização de eleições antecipadas. Com Seguro em Belém, podia não ser assim, segundo o próprio afirmou. E esta doutrina ajuda a oposição a ter um comportamento menos condicionado.

Celebrando o percurso de Seguro, no Rato assinalam-se com o "seu" candidato três áreas de grande sintonia: Saúde, Defesa/política externa e combate à pobreza/desigualdades. Na Saúde, por exemplo, percebeu-se que no debate com Ventura da terça-feira passada Seguro falou do problema dos doentes com alta que ficam nos hospitais por não terem para onde ir, matéria alvo de um projeto recente do PS. O candidato



Quatro candidatas às Mulheres Socialistas

No PS há unanimidade em torno de José Luís Carneiro para as diretas de março. Já nas Mulheres Socialistas muito pelo contrário. Elza Pais, deputada, está de saída da liderança, existindo quatro candidatas ao seu lugar, com a eleição a ter lugar em 13 e 14 de março, dias também das diretas para secretário-geral do PS. As candidatas são Gabriela Canavilhas (ex-ministra da Cultura), La Salette Marques (dirigente nacional), Alexandra Tavares de Moura (ex-deputada) e Carla Tavares (ex-presidente da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género). J.P.H.

também referiu a necessidade de ser vigilante face a fenômenos de corrupção no reforço dos investimentos públicos na Defesa — recordando aqui o PS que propôs uma subcomissão parlamentar de acompanhamento (chumbada pela direita).

Quanto a Montenegro, a liderança do partido considera que cometeu um erro ao deixar todo o espaço eleitoral

da AD sem uma recomendação de voto para a segunda volta. Recusa especular sobre se a atitude do primeiro-ministro face ao PS mudará ou não com a conclusão das presidenciais, mas acredita que o desgaste eleitoral na governação se agravará — por exemplo, os problemas no Serviço Nacional de Saúde —, podendo a isso somar-se o regresso das contas públicas com saldo negativo.

Replicar a bipolarização

Do que os socialistas têm a certeza é de que Ventura continuará a cavalgar a onda de "líder da direita" seja qual for o resultado final das eleições. Procurando replicar a bipolarização das presidenciais, José Luís Carneiro pretende definir o líder do Chega como adversário principal (em vez de Montenegro), procurando afirmar o PS como espaço aglutinador de toda a rejeição anti-Ventura (como Seguro parece estar a conseguir fazer), da esquerda à direita, apelando aos "democratas", "sociais-democratas", "humanistas" e até aos "democratas-cristãos".

Na Comissão Nacional de sábado Carneiro disse que, "como se pode ver pelos atuais resultados, os nossos concidadãos preferem o perfil de quem critica o que está mal, mas que, simultaneamente, é capaz de apresentar propostas para as necessidades das suas condições de vida". Ou seja, "a vitória [de Seguro] prova que esta é a forma de combater e ganhar aos movimentos mais radicais e antidemocráticos que nos dias de hoje ocupam o nosso espaço público e mediático". jphenriques@expresso.empresa.pt

Os "novos tempos" da coabitação

Seguro em Belém aumentará pressão sobre Montenegro, sobretudo na Saúde e na Segurança Social

Se, como tudo indica, António José Seguro chega a Belém em março, terá de lidar com dois dossieres em que já trouxeram regras e deixou críticas, que prometem subir a pressão sobre o Governo de Luís Montenegro: Saúde e legislação laboral antecipam-se como os primeiros pontos de tensão do "Presidente para os novos tempos" com o primeiro-ministro, que continua sem acordo para apresentar na Concertação Social, adiada para depois da campanha eleitoral.

Seguro quer um pacto para a Saúde e tem contrariado a ideia de Montenegro de que há uma "perceção" de caos que não corresponde à realidade no SNS. A situação é "inaceitável", reafirmou no debate desta semana com André Ventura. Mesmo prometendo fazer exigências em privado e "evitar ruído", a posição crítica da atuação do Executivo nesta área já deixou exposta a pressão sobre Montenegro. Mais "exigência" do novo Presidente para uma ministra já debaixo de fogo, e que muitos à volta do primeiro-ministro entendem que pode ser a primeira "vítima" do pós-eleições.

Ana Paula Martins segue firme na intenção de apresentar uma nova Lei de Bases para a Saúde, que quer deixar preparada, ainda que possa não ver a sua execução. Faz parte do "caderno de encargos" que assumiu com Montenegro e a base de partida é a da antiga ministra socialista Maria de Belém, mas António José Seguro, sem excluir "mudanças pontuais", diz não ver necessidade de mudar a arquitetura do sistema. "Não pode pôr em causa o sistema universal e tendencialmente gratuito", afirmou no debate de terça-feira.

Um acordo com a UGT, o Governo sabe que enfrentará outro embate em Belém. António José Seguro avisou que só promulga a reforma das leis laborais se houver entendimento na Concertação Social que inclua a central sindical. "Se chegar o decreto inicial do Governo, eu vetarei politicamente porque não resolve nenhum problema. Pelo contrário, vem criar mais instabilidade social."

As negociações bilaterais continuam e Montenegro tentará chegar à posse do Presidente com a UGT do seu lado, o que deixaria o PS mais pressionado a aprovar as alterações. A UGT só deve apresentar a sua contraproposta à beira da eleição (ver última página), mas depois ainda haverá um mês para conversas até à posse.

Durão Barroso nas jornadas

Sem candidato presidencial na corrida da segunda volta, o PSD vai digerir o resultado eleitoral a partir de Caminha, no Alto Minho. As jornadas do grupo parlamentar estão marcadas para o dia seguinte às eleições, a 9 de fevereiro, e têm como tema "Um país com ambição". O primeiro-ministro deve fazer a intervenção de encerramento no dia seguinte, mas antes haverá jantar com um orador convidado, que desta vez é o antigo primeiro-ministro e ex-presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso.

Nas últimas jornadas da bancada social-democrata, em Évora, esse lugar foi de Marques Mendes, que à época todos davam como certo para suceder a Marcelo Rebelo de Sousa. O tempo provou

Seguro avisou que só promulga leis laborais se houver entendimento com UGT

o engano: Mendes não passou da primeira volta e teve o pior resultado de sempre de um candidato do PSD em eleições presidenciais.

Não era o que esperava para fechar o ciclo eleitoral 2024-2026, com duas eleições legislativas, europeias e autárquicas, mas Montenegro diz-se "focado na governação". Sabe que o horizonte da legislatura pode estreitar-se, mesmo que a vitória de António José Seguro seja vista como garantia de estabilidade para o imediato. Seguro já disse que um chumbo orçamental não implica a dissolução do Parlamento e, no Governo, acredita-se que PS e Chega continuam a não ter condições para precipitar crises.

PAULA CAEIRO VARELA

pcvarela@expresso.empresa.pt



Montenegro entre as ministras da Saúde e do Trabalho



João Cotrim de Figueiredo anunciou a criação do Movimento 2031 FOTO NUNO FOX

Cotrim tenta contrariar receios nos liberais

Movimento do candidato pode **fragilizar** o partido, avisam conselheiros

LILIANA COELHO

Os 903.201 votos alcançados na primeira volta das presidenciais foram uma espécie de ' prova dos nove' para João Cotrim de Figueiredo. Conseguiu provar que vale mais do que a Iniciativa Liberal (IL), transformando a sua candidatura pessoal num projeto mais transversal. O primeiro teste foram as eleições europeias de 2024, onde, à custa de uma campanha muito personalizada, os liberais conquistaram 9,08% dos votos. Agora, com 16,01% dos votos e triplicando a votação do partido nas legislativas, Cotrim de Figueiredo quer dar expressão a esse eleitorado com a criação do Movimento 2031. Um movimento cívico-político que diz ser apartidário, mas que gostaria, ao mesmo tempo, que desse um novo impulso à IL, onde surgem já receios de que a iniciativa do candidato fragilize o partido e divida ainda mais o espaço do centro-direita.

Contraditório? Ao Expresso o liberal garante que não, considerando que estas presidenciais abriram um "caminho" mostrando que há um espaço no centro-direita por ocupar, que pode ser definido como um campo "reformista", daqueles que defendem uma "mudança responsável" sem destruir o sistema e criar divisões na sociedade. "Gostava muito que esse espaço fosse ocupado pelo meu partido, mas também tenho a noção de que entre os 900 mil eleitores há muitos que não são eleitores da IL e provavelmente nunca serão", reconhece. Por isso não está "muito preocupado que seja só um partido a mudar de atitude" perante o que se passa no país. Já na campanha, o liberal piscou o olho ao eleitorado da AD e do

Chega — com este movimento o intuito mantém-se.

Com cerca de 18 mil inscritos em menos de uma semana, o movimento está a tratar da constituição da sua estrutura jurídica e organizativa antes de começar a planear eventos. Na base estarão alguns rostos do Horizonte 2031, a lista de personalidades da sociedade civil que apoiou a candidatura presidencial de Cotrim. O objetivo será marcar a agenda e influenciar o debate público.

Oportunidade ou risco?

Sem se comprometer com uma candidatura a Belém dentro de cinco anos, mas sem descartar qualquer hipótese, o liberal procura, assim, segurar o seu capital político de olho noutros eventuais desafios eleitorais. Se a IL poderá sair beneficiada ou não à boleia deste movimento, é ainda

uma incógnita. Mariana Leitão ausente", como se a IL sofreu depressa elogiou a iniciativa, considerando-a "necessária", e sustentou que o partido que lidera é o que "mais incorpora" a "visão de mudança reformista" defendida pelo movimento. "Pode ser uma oportunidade para a IL crescer se for bem aproveitada", nota fonte do núcleo liberal. Mas há também quem levante dúvidas entre o receio de uma "IL à deriva" e a "esperança de um novo impulso" para o partido.

"Não pode ser um movimento egocêntrico, de uma figura que vale mais do que a IL e que se desamarra de certa forma do partido", alerta um conselheiro nacional, que entende que se o antigo presidente dos liberais quisesse fazer alguma coisa em prol do liberalismo teria que voltar a estar disponível para a liderança.

O Movimento 2031 não pode padecer da "síndrome de pai

se com a ausência da figura paterna "que deixou a liderança a hoje é um senador". Nem tão-pouco transformar-se apenas num "concorrente" do think tank Instituto + Liberdade (em defesa da democracia liberal), reforça outro conselheiro, sublinhando que houve movimentos, como o de Manuel Alegre, criado após as eleições presidenciais de 2006, que se esvaziaram pouco depois.

Influenciar o debate político

Cotrim acredita que o seu movimento não correrá esse risco: "Se formos relevantes, não tenho dúvida de que teremos cobertura, se tivermos cobertura, não tenho dúvida de que teremos adeptos e o movimento terá força política suficiente para o seu objetivo, que é condicionar o debate político, pôr os temas na agenda e marcar o tom com que os temas são discutidos na praça pública." A ideia é tentar influenciar sempre que possível o debate público, exercer pressão e ser construtivo no sentido de "ser mais exigente" com quem tem poder executivo e influência política para que possa encarar os assuntos com "mais vontade de fazer", em vez de manter tudo na mesma.

"Há um espaço para os que são responsável reforçar, que são modernos. Qualquer que seja a origem da pessoa que queira fazer este caminho de mudança, de reformas e de modernizar o país, é bem-vindo", assegura. Para já, o eurodeputado continuará dividido entre Lisboa e Bruxelas e, ao que o Expresso apurou, há conversas em curso para um espaço de comentário televisivo.

lpcoelho@expresso.impresa.pt

Neutralidade agita Conselho Nacional

Os conselheiros nacionais da IL reúnem-se este domingo num hotel em Coimbra para analisar os resultados da primeira volta das eleições presidenciais, que colocaram Cotrim em 3º lugar. Mas será o não apoio do partido a António José Seguro que deve agitar o encontro. Além de a líder não ter consultado o órgão antes de anunciar a decisão na SIC Notícias, há um grupo de conselheiros que tem uma carta aberta preparada e vai defender o apoio ao ex-líder do PS. "Um candidato que não coloca em causa a democracia liberal não pode suscitar quaisquer hesitações a um

partido defensor de uma sociedade livre, aberta, tolerante e responsável", já André Ventura e o partido que lidera representam o "desdém pela ordem democrática liberal" com "apreço e saudosismo por regimes autoritários" do passado, pode ler-se na missiva. Para este grupo de conselheiros e outros membros da IL, a neutralidade não pode existir quando estão em disputa os valores da democracia e da "liberdade", sendo esta também uma oportunidade para o partido se distanciar do PSD e de Luís Montenegro. L.C.

SONDAGEM ICS/ISCTE PRESIDENCIAIS

Seguro com o dobro de votos de Ventura



51%



27%

→ Líder do Chega **está atrás** em **todos os grupos**, mas com metade dos eleitores de direita
→ PS com programa eleitoral no fim do verão → Movimento de Cotrim gera receios na IL p8,12e16